

# 1 Introdução

Nesta pesquisa, propomos uma análise do romance **A Jangada de Pedra**, de José Saramago, publicado em 1986. A investigação deste texto literário é motivada pelo caráter alegórico da concepção romanesca, pela maneira como o autor trata o tema da viagem e da predestinação dos povos peninsulares e, sobretudo, pela atualização das questões políticas que se inferem do desprendimento da Península em relação à Europa. José Saramago revisita o passado a partir de um processo crítico, de auto-reflexão, de maneira a entrelaçar Literatura e História.

Na ficção, além de denotar a morte do império construído, o presente também se questiona acerca de uma possível perda de identidade da pátria portuguesa. Assim, percebemos a repercussão da voz do Velho do Restelo, um homem do povo que profetizou a futura desgraça de Portugal, no poema épico **Os Lusíadas**, c. IV, 95:

– Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos fama!  
[...]  
A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos e esta gente?

Entretanto, a proposta desta nova viagem abarca não apenas portugueses, mas também espanhóis, povos que então vivenciam um período decisivo em sua história.

O ponto de partida deste estudo se atém à distinção de dois olhares voltados para o mar e para a pátria: os versos de Luís de Camões cantam o mar glorioso português: “Eis aqui, quase cume da cabeça / De Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa” (**Os Lusíadas**, c. III, 20); a prosa de José Saramago convida para a terra: “Aqui o mar acaba e a terra principia (p.11) [...] Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera.”(p. 415), em **O Ano da Morte de Ricardo Reis**, romance publicado em 1984. Saramago tende

a dialogar com o poema épico, mas acentuando um contraste na relação entre o mar e a terra: para Camões, o mar era o caminho desejado, o início de partida; para Saramago, é a terra o ponto de chegada, que se vai (re)conhecer.

No romance em estudo, uma ruptura vai impulsionar a Península para fora da Europa, assinalando o “princípio” da terra para os ibéricos. O mar, que é símbolo da dinâmica da vida, lugar dos nascimentos e das transformações – no renascimento português, glória da pátria –, na atualidade, é imagem saturada, e as viagens ultramarinas vão dar lugar à paisagem da terra. Nesse sentido, o romance pode traduzir a liberdade de ser, de existir e de “escrever a terra” (Seixo, 1986:69), caracterizando-se numa tendência que a literatura portuguesa tem demonstrado: um esforço de interpretação do país e busca de respostas para os traumas sofridos pelo povo ao longo de sua história. José Saramago cria, no entanto, uma viagem mágica para os povos peninsulares que, em se fazendo ainda uma vez pelo mar, não contradiz a proposta de privilégio da terra. Trata-se da deriva da jangada e das personagens que nela navegam no romance **A Jangada de Pedra**.

As abordagens e argumentações suscitadas no decorrer deste estudo tomam por base teórica autores como Walter Benjamin (1994); Tzvetan Todorov (1969); Eduardo Lourenço (1992); Antero de Quental (1942); Joaquim Barradas de Carvalho (1974); Maria Alzira Seixo (1999) e Teresa Cristina Cerdeira (1999), estas últimas com significativa publicação de ensaios sobre a obra do autor.

Dispomos nosso trabalho em três partes, enfatizando no primeiro capítulo aspectos relevantes do autor e da sua obra. Observamos que o romance lança um desafio, pois esta jangada flutua no oceano em função de uma aposta na independência da Península em relação à Europa, uma vez que dela se afasta. Apontamos o fantástico como um gênero literário presente na estrutura desta obra cheia de surpresas, fenômenos inexplicáveis, enigmas e incertezas.

Assinalamos a fonte da viagem literária e sua importância na obra de José Saramago, lembrando a invocação de mestres e modelos, como Homero, Camões e Garrett. O caráter ideológico em toda a obra de Saramago é destacado, assim como as suas inquietações e interrogações diante da contemporaneidade, muitas delas desvendadas na leitura do romance e nas evidências de teor político.

Tratamos da memória literária de Saramago, citando o Padre António Vieira, Eça de Queiroz e Almeida Garrett, dos quais o autor se tornou herdeiro, e retomamos as matrizes histórico-narrativas, como a viagem de Ulisses e a errância de Quixote, a fim de ressaltar a importância da obra em estudo: uma literatura de viagem que transcende várias outras por seu sentido de libertação e de esperança na humanidade.

Retomamos o discurso de Antero (1942) – sobre as causas da decadência dos povos peninsulares – visando à compreensão dos problemas relacionados a estas culturas, e, ainda, o estudo de Carvalho (1974), para salientar a grande preocupação do romance com o presente dos povos ibéricos, pois, além da opção pelo Oceano Atlântico, vai a jangada posicionar-se nas proximidades da África e da América Latina. A ficção permite que portugueses e espanhóis, livres de qualquer tipo de liame, enfrentem as vicissitudes decorrentes desta escolha.

A referência mitológica a Cérbero vem colaborar com o mistério que envolve um cão na narrativa, porque é o guia de itinerantes neste percurso inusitado. Destacamos a crença no homem, no conhecimento decorrente da viagem, traduzindo-se tudo isso numa autognose coletiva, necessária e urgente, pois o romance propõe reflexões sobre o momento histórico e político da produção da obra, marcando radicalmente a sua oposição à inserção na União Européia. Afinal, embora os povos ibéricos façam parte da Europa, vivem de fato à sua margem. O narrador vem nos advertir de que as personagens sensíveis deste romance, embora extraídas do cotidiano, não se assemelham às pessoas comuns. Diz isto porque, em geral,

[...] é verdade que as pessoas, como já tivemos ocasião de verificar, viajam muito, mas por enquanto é mais no interior das fronteiras, parece que têm medo de se perder da sua casa maior, que é o país, mesmo tendo abandonado a casa pequena, a do seu próprio e mesquinho viver. (AJP, p.181)

No segundo capítulo, focalizamos o narrador, apresentamos as personagens e os fenômenos insólitos ligados entre si, que se caracterizam como enigmas a serem desvendados, e ainda fazemos jus à participação na viagem de Dois Cavalos (nome do carro que os leva), dos dois cavalos e, sobretudo, do cão. A ação do tecido ficcional se concretiza a partir da fenda dos Pirenéus e

cada personagem está ligada a uma ação em particular, que advém de seus poderes extraordinários, ficando as cinco interligadas e associadas à primeira ação, origem da narrativa. Portanto, a análise das personagens vem demonstrar o caráter fantástico do romance, além das referências mitológicas e alegóricas.

A busca de compreensão para os enigmas apresentados possibilita às personagens o despojamento de todos os seus bens, dos seus preconceitos, de tudo o que as prendia a uma realidade anterior à rachadura nos Pirenéus e, na caminhada, podem desfrutar a liberdade, o amor e a fraternidade. De modo geral, há a valorização das mulheres, personagens fascinantes cujos poderes as enaltecem na estrutura do romance. Joana Carda risca o chão com uma vara mágica, iniciando a escrita da história, enquanto Maria Guavaira desenreda um fio que se tornará uma forte atadura para os amantes. Desejos, sonhos e paixões são despertados e muito deste clima se deve, certamente, a estas extraordinárias mulheres.

No terceiro capítulo, chamamos a atenção para as novas tendências contemporâneas na literatura portuguesa, que visam a escrever a pátria, à procura de alternativas para sua afirmação no mundo. **A Jangada de Pedra** vaga, à deriva, inaugurando um novo espaço, de reflexão e de conhecimento, utópico, sim, de afirmação da vontade do homem e de sua contribuição para um novo mundo. Vejamos as palavras do próprio Saramago: “Digo e repito que o lugar da transcendência é, tão-só, o imanentíssimo cérebro humano”.<sup>1</sup>

Buscamos pôr em relevo o motivo da pedra, em função de toda a simbologia que a ela liga o homem, desde a mitologia grega ao mito do Adamastor, o grande e medonho rochedo. No romance, Gibraltar cumpre esta função mítica, contudo, não intervém no destino dos bravos itinerantes, porque, à ultrapassagem do Estreito, decidem pela valorização da terra.

As considerações referentes a tempo, espaço, lugar e deslocação são elaboradas mediante confronto entre a obra em verso e a obra em prosa de José Saramago, evidenciando que muito dos processos estéticos encontrados no romance já se mostravam sob uma forma embrionária nos seus primeiros escritos, nos poemas ou nas crônicas.

---

<sup>1</sup> SARAMAGO, J. Entrevista concedida à Beatriz Berrini In: **Ler Saramago: O Romance**, pp. 244/245.